

## APRESENTAÇÃO

O surgimento e a expansão de novas áreas de investigação científica no campo das humanidades não se processam dentro de um sistema fechado e autogerativo de conhecimento, não obstante se configurarem como fatos acadêmicos. Na realidade, ao contrário do que acontece no campo das ciências exatas, estes fatos emergem indissociados de fatores externos, tais como mudanças sociais e ideológicas profundas, trocas de sistemas de referência, valores, convicções, enfim, transformações nas próprias formas de viver. No rastro das mutações socioculturais desencadeadas pelo ressurgimento do feminismo nas últimas três décadas, as ciências humanas testemunharam um dos mais significativos desdobramentos teóricos de sua trajetória através de uma avalanche de estudos na área interdisciplinar denominada “estudos da mulher” que veio alterar, de forma sensível, o quadro conceitual/metodológico para o encaminhamento de questões pertinentes à chamada “questão feminina”.

Pode-se afirmar, sem hesitações, que esse salto, tanto quantitativo quanto qualitativo, inaugurou um novo capítulo de nossa história cultural — novo porque, pela primeira vez, se materializou um esforço coletivo de decompor a falsa universalidade de significados institucionalizados pelo patriarcado, de questionar os fundamentos ideológicos de processos interpretativos herdados e letigados pela cultura dominante e de inserir a mulher, como sujeito, no discurso do saber. O impacto dessa “territorialização”<sup>1</sup> tem se traduzido não somente na destruição de uma falácia — a de que o homem teoriza, a mulher experiencia — mas principalmente, na conceptualização de uma nova forma de olhar. Sob o signo da diferença, esse olhar busca o equilíbrio entre o pessoal e o político, o teórico e o afetual. Ele registra, para usar as palavras de Virgínia Woolf, “the difference of view, the difference of standard”.<sup>2</sup>

No campo da literatura, esse redirecionamento tem se pautado, de modo geral, por uma postura crítica face ao paradigma de essencialismo e universalismo que caracteriza a cultura patriarcal, paradigma cristalizado na tradição literária e que subjaz aos critérios estéticos, às estratégias interpretativas e, até mesmo, aos hábitos de leitura, considerando-se que a leitura é uma atividade altamente socializada. Em termos concretos, essa postura se articula via dois eixos dialeticamente integrados: revisão e recuperação.

Por revisão, entende-se um questionamento amplo da tradição literária e crítica. Reconhecer que essa tradição tem postulado, como um princípio tático, o fato de que o leitor, o escritor e o crítico representativos da literatura ocidental pertencem ao sexo masculino e de que os pressupostos fundadores da escrita e da leitura são baseados em experiências literárias produzidas no registro do masculino, significa, em última instância, reconhecer a necessidade

<sup>1</sup>Este termo, tomado de empréstimo do texto de DELEUZE e GUATTARI, *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro, Imago, 1977, refere-se à reapropriação de territórios culturais perdidos.

<sup>2</sup>In: *Collected essays*, Nova York, Harcourt/Brace & World, 1967. V.1, p. 204.

de revisar os princípios pretensamente neutros e universais de que ela se alimenta. Ao apontar parcialidades ideológicas, a prática revisionista põe em destaque os mecanismos de exclusão presentes na formação dos cânones literários e responsáveis pela marginalização da mulher como produtora de cultura.

É justamente nesse espaço, construído tradicionalmente como um vazão, que incide o eixo da recuperação. Recuperar quer dizer, antes de tudo, insistir no fato de que a mulher também contou as histórias importantes de nossa cultura e de que essas, por sua vez, desvelam um horizonte específico de percepções e expectativas não só em relação à experiência literária em si, mas também em relação à construção simbólica de sentidos com que ela representa sua posição no mundo real. Na medida em que essa herança se torna visível com o resgate de textos dados como não-existentes, ou então, de textos desprezados por uma tradição crítica incapaz de assumir claramente os preconceitos inerentes aos seus métodos — os quais foram e ainda são responsáveis, em parte, pela formulação de juízos de valor estético —, as continuidades da escrita da mulher vão se somando, impondo, nesse processo cumulativo, a desarticulação da visão canônica de nosso passado literário e a consequente reescritura de uma outra história literária. Revisar e recuperar sincronizam, desse modo, um só movimento. A poeta norte-americana Adrienne Rich o definiu nos seguintes termos:

Re-vision - the act of looking back, of seeing with fresh eyes, of entering an old text from a new critical direction — is for women more than a chapter in cultural history: it is an act of survival.<sup>3</sup>

O leque de possibilidades que se desdobra a partir do redirecionamento acima exposto sugere a magnitude potencial de seu desafio. Seja enfocando as representações literárias da diferença sexual, ou as maneiras como os gêneros literários foram moldados por valores masculinos, ou mesmo a exclusão da voz feminina das instituições da literatura, da crítica e da teoria, seja expandindo quadros de referência para acomodar novas acepções de termos como “criatividade” e “excelência”, não há dúvidas de que, no contexto de uma ótica voltada para as relações de poder que marcaram e ainda marcam a nossa história social e cultural, a categoria de gênero se instalou definitivamente no território dos estudos literários como categoria fundamental de teoria e análise. É dentro desse quadro que se concebe a importância do estudo da literatura escrita por mulheres ou sobre mulheres.

Os trabalhos aqui reunidos foram apresentados no II Seminário Nacional sobre a Presença da Mulher na Literatura, realizado em Porto Alegre em agosto de 1988, numa promoção conjunta do Instituto de Letras e da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. A dinâmica de organização do seminário obedeceu a três grandes temas: 1 — Mulher e literatura: perspectivas teórico-críticas; 2 — Representações do feminino no texto literário; e 3 — Do silêncio à palavra: o processo cultural e a construção do feminino. A ordem de apresentação dos trabalhos segue, como se pode observar, a estruturação temática do referido seminário.

<sup>3</sup>In: *On lies, secrets and silence: selected prose*. Nova York, Norton, 1979. p.35.

Convém sublinhar que, embora os trabalhos não se articulem como peças de um sistema crítico único, apresentando, pelo contrário, uma multiplicidade de posições e estratégias, eles compartilham uma preocupação central básica que é a de explicitar uma abordagem que verbalize o feminino não mais como produto de um discurso alheio, do referente masculino, mas como produto de seu próprio discurso, epistemológica e ontologicamente falando. Privilegiando, portanto, as questões do feminino no nível da representação e do discurso literário e alertando para o significado de presenças ou ausências no texto, os trabalhos se engajam num debate interno, vigoroso e fecundo sobre a prática crítica indo buscar, na teoria da literatura, na história, na ideologia, na psicologia, na sociologia e na filosofia subsídios para uma compreensão interdisciplinar da realidade do texto, espaço concreto onde se organizam nossas ficções do mundo real. Na inquietação que perpassa o seu conjunto pode-se vislumbrar a certeza de contribuir para os estudos teóricos e críticos contemporâneos. Acrescente-se a isso sua profunda sintonia com as questões da diferença, da subjetividade e da alteridade que marcaram a atmosfera intelectual dos anos 80, o que coloca em relevo a atualidade e a importância desse número da revista *Organon*.

Nossos agradecimentos especiais à colega Maria da Glória Bordini pela valiosa colaboração na preparação dos originais.

RITA TEREZINHA SCHMIDT  
Presidente da Comissão Editorial